

Aos que sofrem



RONALDO
LIDORIO

Aos que sofrem

10 breves devocionais
para os dias de provaçãõ

Ronaldo Lidorio

Lidorio, Ronaldo

Aos que sofrem – 10 breves devocionais para o dias de
provação / Ronaldo Lidorio.

Manaus/AM: edição do autor, 2020.

Recurso eletrônico (eBook)

1. Sofrimento
2. Fé
3. Esperança
4. Vida cristã

Revisão: André Lawall

Capa: Gedeon J Lidorio Junior

Foto da capa por *Sergey Klimkin* by *Pixabay*

Ebook gratuito. Proibida a venda.

Todos os direitos reservados.

Permitada a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Sumário

Prefácio

Devocional 1 – Aos que estão perdendo a esperança

Devocional 2 – Aos que estão em sofrimento

Devocional 3 – Aos que perderam a alegria

Devocional 4 – Aos que não conseguem louvar

Devocional 5 – Aos que não conseguem orar

Devocional 6 – Aos que não têm morada certa

Devocional 7 – Aos que têm a fé abalada

Devocional 8 – Aos que saem andando e chorando enquanto semeiam

Devocional 9 – Aos que não enxergam além do Jordão

Devocional 10 – Aos que se encontram sem forças

Prefácio

Escrevo esse livrete em meio à crise do coronavírus que tem assolado a terra. Esse é um dos raros momentos em que toda a humanidade experimenta o mesmo sofrimento, ainda que em diferentes medidas e ambientes.

A realidade desse novo vírus promove diversas experiências pessoais. A primeira delas é a percepção humana de finitude. A morte não é um assunto novo e, paralelo à vida, talvez seja a realidade mais profunda e individualmente experimentada pelo ser humano. Pessoas morrem todos os dias e vivemos em famílias que perderam parentes queridos. Vários de nós já estivemos em velórios e funerais e a morte é também retratada pela arte – pinturas, filmes, livros e peças – em grande escala. Não há novidade na fatídica morte.

Entretanto, a informação diária sobre mortes causadas pelo mesmo agente em quase todos os países do mundo tem acentuado na humanidade a percepção de finitude. Mesmo os cristãos, que creem e aguardam a vida eterna com Cristo, são tomados pela sensação mais perceptível de que essa vida presente é passageira. Talvez seja por isso que são vários e crescentes os casos de incrédulos que têm buscado a Deus, bem como cristãos frios que voltam seus olhos para Cristo. A iminente sensação de morte retira o destaque de muitas coisas rotuladas em nossa alma como de profunda importância e, no mesmo movimento, realça o valor da vida além desse corpo e desses dias.

Um amigo indiano com quem temos trabalhado em parceria no plantio de igrejas em seu país escreveu-me dias atrás relatando os desafios enfrentados pela sua nação com a ameaça e efeitos do coronavírus. Mas, ao fim destacou que, por

outro lado, são dias de avivamento: cristãos têm buscado a Deus com mais sinceridade e intensidade; pastores e líderes deixaram de lado as competições e se juntam no pastoreio do povo; igrejas, impedidas de se reunirem e com poucos recursos teológicos e tecnológicos, partilham o que têm em um ambiente de amor e colaboração. Ele conclui afirmando que a percepção da proximidade da morte tem levado as pessoas a vasculharem em suas vidas aquilo que de fato tem valor.

A segunda experiência pessoal aguçada nesses dias é o sofrimento. De certa forma, a atual crise global não trouxe nenhum sofrimento novo, todavia, sem dúvida, aguçou aqueles já existentes. Uma das características da crise – qualquer crise – é trazer à tona o que está fragilizado. O isolamento domiciliar aguçou a solidão. O fechamento do comércio e diminuição do movimento nas ruas

elevaram o desemprego e a fome. Os hospitais cheios de pacientes críticos provocaram o colapso de muitos sistemas de saúde e mortes desassistidas. Junto a cenários mais amplos, surgem também as crises particulares marcadas pela ansiedade, angústia, melancolia e dor. É uma das raras vezes na história em que a humanidade compartilha o mesmo ambiente de sofrimento na mesma linha de tempo.

Esse livrete é endereçado aos que sofrem. Não apenas àqueles que sofrem por viver esses dias estranhos, mas também àqueles que já carregam em suas vidas o peso do sofrimento crônico, da dor que se faz sempre presente.

Dedico essas linhas aos que foram tomados pela ansiedade, aos que têm perdido a esperança e talvez não consigam mais se alegrar, orar ou louvar. A mensagem desse livrete, dividida em 10

brevíssimos textos devocionais, não foi desenhada para simplesmente trazer conforto, consolo e ânimo, mas, sobretudo, lembrar ao seu coração quem é Deus. É nesse caminho – do conhecimento, da convicção e do compromisso com Deus – que nossos corações são alinhados para uma vida de alegria em meio à crise, fé em um ambiente de incertezas, descanso em dias de angústia e propósito em lugar de desencanto.

Minha oração é que, após cruzarmos o árido deserto do sofrimento – seja ele qual for – saíamos mais crentes em Cristo, mais descansados de coração e mais envolvidos com a missão. Que em nossas vidas seja Ele exaltado.

Devocional 1

Aos que estão perdendo a esperança

Um dos relatos mais trágicos do Antigo Testamento encontra-se nos primeiros capítulos do primeiro livro de Samuel. O povo de Deus foi atacado e derrotado pelos filisteus nos arredores de Ebenézer, um vilarejo de Efraim. Mais de 30 mil pessoas foram mortas e a Arca da Aliança levada pelos inimigos, causando grande comoção em todo o povo. O sacerdote Eli, ao receber as notícias do fracasso na batalha, da morte de seus filhos e da perda da Arca do Senhor, caiu e morreu. Sua nora, movida por dores de parto deu à luz um filho e o chamou Icabô, que significa “*foi-se a glória de Israel*” (1 Sm 4:22).

Em meio à tragédia, veio a Palavra de Deus a Samuel, que exortou o povo a se converter ao Senhor de todo o coração, rejeitar os deuses, consertar a vida e servir o Eterno para terem vitória (1 Sm 7:3). Assim aconteceu, vindo a derrotar os inimigos de forma impressionante.

Samuel, pois, ergue um memorial ao Senhor e o chama Ebenézer, que significa ‘pedra de ajuda’. Esse é o nome do vilarejo próximo ao qual o povo estava quando foi atacado e abatido, vindo a perder a arca sagrada. O profeta olha para trás, lembra-se da amarga derrota e reconhece a vitória dada por Deus no presente. Toma uma pedra como memorial e lhe dá um nome (Ebenézer) e também um significado: “*até aqui nos ajudou o Senhor*” (1 Sm 7:12).

Talvez pareça estranho dar ao memorial de vitória o nome do local da derrota, o vilarejo Ebenézer.

Poderíamos imaginar que o nome mais apropriado fosse Mizpá, onde Samuel sacrificou ao Senhor e o povo se encontrava quando, atacado novamente pelos filisteus, obteve estrondosa vitória. Ou ainda Bete-Car, onde os últimos inimigos foram perseguidos e finalmente derrotados. Mas o nome do memorial foi Ebenézer, onde sofreram a primeira e terrível derrota.

Ao erigir o memorial, parece-me que Samuel enxerga a mão de Deus não apenas na vitória, mas também na derrota. Não apenas no consolo, mas na disciplina. Não somente quando Ele abraça, mas também quando corrige.

Ebenézer leva-nos a olhar para trás e reconhecer que em meio à terríveis batalhas, dias de derrota e perguntas não respondidas, Deus não se ausentou. Ele esteve conosco nos dias bons e maus. Sua mão trouxe sobre nós consolo e disciplina. Sua

presença nos acolheu e confrontou. As tragédias nos levaram ao pranto, porém em tudo “... *nos ajudou o Senhor*”.

Ebenézer nos leva a olhar também para o dia presente, dizendo “*até aqui...*”. Até o dia de hoje vemos a sua misericórdia e graça, sua paciência e bênção, sua proteção e guarda. Nossos corações são convidados à gratidão, adoração e profundo contentamento, pois Ele está conosco agora.

Curiosamente, Ebenézer nos leva a olhar também para os dias que virão. A própria expressão (“*até aqui...*”) indica uma jornada ainda incompleta, dias e tempos à nossa frente. Ele esteve conosco até hoje e amanhã não será diferente. Podemos contar com a sua misericórdia, perdão, ensino e disciplina. Nenhuma tragédia será maior do que a bondade do Senhor em nossas vidas.

Se o seu coração está desesperançado e sua alma desanimada perante as incertezas, oposições e privações, confie no Senhor! Lembre-se como Deus foi fiel no passado e como Ele o sustenta hoje. E olhe para frente com esperança renovada, pois Ele continua o mesmo.

Ebenézer (“*até aqui nos ajudou o Senhor*”) nos faz olhar para Deus! É um chamado para a gratidão, a fé e a esperança. O Eterno guarda o caminho.

Devocional 2

Aos que estão em sofrimento

A natural expectativa de quem passa pelo sofrimento é ver a rápida e final intervenção de Deus. Quando a enfermidade chega à nossa casa, o desemprego torna-se uma realidade ou as crises pessoais se avolumam, nosso clamor é por livramento.

Há sofrimentos públicos, conhecidos e lamentados por todos. E há sofrimentos particulares que destroçam o coração, mas passam despercebidos até pelo amigo chegado. Mais importante do que o calibre do sofrimento é como passamos por ele. O fim do sofrimento pode ser uma alma amargurada, um coração incrédulo e

uma mente frustrada. Há, porém, um outro caminho.

O Salmo 63 foi escrito por Davi no deserto de Judá em um dos momentos mais angustiantes de sua vida. Possivelmente, ele escapava de Saul antes de se tornar rei, ou fugia de seu filho Absalão, quando esse se revoltou contra o próprio pai. Em ambas as situações, Davi havia perdido a reputação, a liberdade e importantes laços familiares.

Essa inspiradora canção revela as mais profundas convicções de Davi. No verso 1, ele indica que a sede de Deus era maior do que a sede de água. Nos versos 2 a 5, ele louva a Deus reconhecendo sua força e glória, e agradece pela graça, que é melhor que a vida. Faz também um compromisso de o louvar enquanto viver. Nos versos 6 a 8, Davi busca o descanso no Eterno e usa verbos que estão

no presente, como “*recordo*”, “*canto*” e “*medito*”. Davi crê e canta o descanso em Deus no dia do sofrimento, não apenas após libertar-se dele. Nos versos 9 a 11, ele declara sua confiança na força e na vitória de Deus sobre seus inimigos.

O sofrimento pode ser um caminho que nos leva à amargura ou ao louvor, à incredulidade ou ao fortalecimento da fé. A qualidade da nossa fé será determinante para a maneira como passamos pelo deserto.

À medida que cremos, descansamos – ou seja, vemos o mundo com as lentes da graça e nos alegamos naquele que controla a vida. Crer que a presença de Deus é melhor que a vida parece ser o exercício mais transformador – da mente, do coração e da visão de mundo – que qualquer pessoa possa experimentar no dia mau.

Hoje, em meio ao seu sofrimento, confesse a sua fé em Deus, reconhecendo quem Ele é e o que Ele faz. Esse é o verdadeiro louvor. Peça fé suficiente para descansar, com alma e mente pacificadas; e louvar, com sincero agradecimento pelo amor e graça.

À semelhança de Davi, às vezes, experimentamos a solidão do deserto, o constrangimento nos relacionamentos e a incerteza sobre o amanhã. A vida nesses momentos torna-se mais lenta, opaca e pesada. E nosso coração, inclinado ao pecado, pode se apegar a uma erva daninha da espiritualidade: o descontentamento.

Davi possuía diversos motivos para abraçar o profundo descontentamento, mas tomou outro caminho: o da confiança, gratidão e louvor. Nenhum descontentamento, por mais enraizado

que esteja, resiste à sincera gratidão e louvor a Deus.

Faça da canção de Davi a sua oração:

“Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória. Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam. Assim, cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver; em teu nome, levanto as mãos” (Sl 63:1-4).

Em nossa vivência cristã experimentamos dois momentos bem demarcados e Jesus Cristo estará conosco em ambos. O primeiro é breve e passa como o vento. Já o segundo é eterno. O primeiro é marcado pela esperança e o segundo, pelo esplendor. No primeiro buscamos a Deus e no segundo estamos ao seu lado. No primeiro

enfrentamos quebras, lutas, enfermidades e angústias. No segundo não haverá choro, decepções, dor nem morte. No primeiro somos peregrinos, caminhantes e forasteiros, não temos morada certa. No segundo chegamos ao lar.

Enquanto caminhamos pelo dia do sofrimento, que a nossa alma tenha mais sede de Deus do que de água. Que Ele seja o nosso tudo. Então nada nos faltará.

Devocional 3

Aos que perderam a alegria

É desejo de Deus que tenhamos alegria. Deus nos ordena em sua Palavra: “*Alegrai-vos no Senhor!*” (Fp 4:4). Aliás, a alegria no Senhor é alvo de diversos estímulos bíblicos. Somos convidados a nos alegrar porque “*grandes coisas fez o Senhor por nós*” (Sl 126:3), pelo “*dia que o Senhor fez*” (Sl 118:24), pois “*a alegria do Senhor é a vossa força*” (Ne 8:10) e Ele é Deus “*da minha salvação*” (Hc 3:18). Aqueles que se alegram no Senhor são os “*retos de coração*” (Sl 32:11), lembram-se do “*seu santo nome*” (Sl 97:12), reconhecem a sua bondade (Jl 2:23) e sinceramente “*buscam ao Senhor*” (1 Cr 16:10).

A verdadeira alegria é um dos nossos grandes privilégios e um dos nossos grandes desafios. E o

oposto da alegria em Cristo não é simplesmente a tristeza, mas o descontentamento.

Enganoso é o nosso coração. Conseguimos experimentar descontentamento mesmo vivendo debaixo da abundante graça de Deus. Em meio à fartura, nos descontentamos pelo que ainda não temos. Cobertos de afirmações e elogios, nos descontentamos com uma pequena crítica. Alvos da constante graça de Deus, nos descontentamos por uma oração ainda não respondida. Imersos em incontáveis bênçãos, nos descontentamos por aquela não recebida. É da nossa natureza caída abraçar o descontentamento mesmo em meio à insuperável graça e abundantes motivos de alegria.

Alegrar-se no Senhor é um ato de adoração. Não é resultado de um mero sentimento, mas do reconhecimento da sua bondade. Trata-se de

enxergar que a presença do Eterno é suficiente e que nenhuma tragédia da vida superará a sua graça.

Alegrear-se no Senhor é um exercício de fé, pois é resultado da confiança em Deus, que pode todas as coisas. À medida que creio, me alegro, pois sou tomado por uma profunda convicção de que Ele tudo pode; que sua graça é infinita e real; que no meio da provação existe um propósito maior que é cuidadosamente desenhado por Ele.

A alegria no Senhor ataca a ansiedade, direcionando para Deus as expectativas do nosso coração e fazendo repousar a nossa alma. À medida que creio, vejo a alegria combater a ansiedade e dar lugar ao descanso. Ansiedade é preocupar-se com tragédias que possivelmente jamais acontecerão. Alegria é sentir-se abraçado por Deus, em lugar amoroso e seguro, mesmo se a tragédia vier.

A Palavra nos orienta a buscarmos a alegria e não andarmos ansiosos (Fp 4: 4,6). O roteiro é definido para orar e suplicar ao Senhor, com os corações gratos (v.6). Assim, o resultado será a profunda “*paz que excede todo o entendimento*”, a qual “*guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus*” (v.7).

O cuidado que precisamos nos atentar é com os nossos pensamentos. É preciso que nossos pensamentos sejam ocupados apenas pelo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro e amável. E por aquilo que tenha virtude e louvor (v.8). O que deixamos entrar e fazer morada em nossos pensamentos pode promover a ansiedade ou fazer brotar a paz.

Que Deus nos dê mais discernimento sobre aquilo que alimentamos em nossas mentes e corações – para a sua glória e a nossa alegria.

Devocional 4

Aos que não conseguem louvar

Mais uma vez, identifico em Davi um outro aspecto: o louvor durante o tormento. O Salmo 34 é um convite à adoração e à maturidade espiritual. Nele o salmista manifesta o seu compromisso de louvar ao Senhor em “*todo o tempo*” (v.1).

Louvar a Deus ao ganhar o que se desejou, ao ter o pedido atendido ou ser surpreendido por uma ótima notícia não exige muito esforço do nosso coração. A proposta bíblica, porém, é bem mais radical: louvar a Deus em “*todo o tempo*”! Tanto no dia bom quanto no dia mau, em plena saúde e nos dias de enfermidade, sob aplausos ou críticas.

Louvar a Deus em “*todo o tempo*” implica reconhecer que todos os planos do Pai são planos de amor, além de enxergar que todas as coisas cooperam, de alguma forma que pouco compreendemos no momento, para o bem dos que sinceramente amam a Deus.

Louvar a Deus é reconhecer que sua bondade será sempre maior do que qualquer enfrentamento ou decepção da vida. É cantar a sua bondade nos dias de luz e alegria, e não deixar de fazê-lo nas noites de neblina e tristeza. Sua bondade é maior que a vida!

Assim canta Davi:

“Busquei o Senhor, e ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores. Clamou este aflito, e o Senhor o ouviu e o livrou de todas as suas tribulações. O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra. Oh! Provai

e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia. Temei o Senhor, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem. Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o Senhor bem nenhum lhes faltará” (Sl 34:4-10).

Um dia, em plena e eterna luz, cantaremos a sua bondade, em “*todo o tempo*”. Não precisaremos de fatos da vida para fazê-lo, pois a sua presença nos bastará. Talvez a oração mais marcante na Palavra tenha sido proferida pelo salmista quando clamou: “*Sonda-me ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno*” (Sl 139:23,24).

Essa oração do salmista reconhece a nossa incapacidade de autoconhecimento, portanto, precisamos de Deus para nos sondar. Ademais, reconhece a incapacidade humana para fazer a escolha certa, então precisamos de Deus para nos

guiar. Igualmente, expressa as áreas da vida onde a luta se trava: não nos palácios ou nas ruas, mas no coração e nos pensamentos, o que mostra a necessidade de Deus para nos provar. “*Guia-me pelo caminho eterno*” deve ser o nosso pedido a cada nova manhã.

Louvar a Deus é uma atitude do coração convicto de que “*muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra*” (Sl 34:19). Que nesses dias nos lembremos da constante bondade do Senhor. Ele nos deu força em dias de fraqueza. Sustentou-nos nas carências profundas da alma. Livrou-nos de perigosas armadilhas. Consolou-nos na hora da angústia. Proveu quando mais precisamos e alegrou-se conosco quando buscamos a retidão.

Reconheçamos a sua insuperável bondade e busquemos ama-lo mais a cada dia. E peçamos ao

Eterno graça e força para, de coração, louva-lo em todo o tempo.

Devocional 5

Aos que não conseguem orar

O Senhor Jesus nos ensinou que a oração, associada à fé, promove uma resposta do Pai (Mt 21:22). Também nos lembrou que nos embates mais difíceis no Reino de Deus devemos nos preparar com oração e jejum (Mt 17:21).

O Mestre associou a oração à vida diária com Deus, necessidade de todo ser humano (Lc 6:12), e se entristeceu porque os seus discípulos dormiam quando precisavam vigiar (Lc 22:45). Depois da sua morte vemos esses discípulos unânimes na oração (At. 1:14): Pedro e João saíam juntos para orar (At 3:1) e os apóstolos se reservaram ao ensino da Palavra e oração (At 6:4). Paulo diz que orava pelas igrejas plantadas (Ef

6:18) e Pedro exortou a vigiar em oração (1Pe 4:7). A oração permeia a Palavra como um precioso ensino para cada um de nós.

Em Atos 4 lemos que, após Pedro e João serem libertos da prisão, reuniram-se com os demais cristãos e oraram. A Palavra nos mostra que a oração foi unânime, com concordância de todos (v.24). Essa oração começa exaltando a Deus, reconhecendo que Ele está acima de todos (“*Tu, soberano Senhor*”), é o Criador de todas as coisas (“*que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há*”) e fala com os homens (“*que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi*”). Essa oração manifesta quem Ele é, o que Ele fez e como Ele fala (v.24-25).

Logo depois disso, há uma rápida transição para a realidade que experimentam e descreve o sofrimento, lembrando que haviam perseguido e

crucificado Jesus e que agora se revoltam contra a sua igreja. Pedem, assim, que Deus olhe para as ameaças que sofrem e termina com um pedido sobre o qual chamo a sua atenção (v.26-29). Lembre-se de que a igreja vivia o início da perseguição com o encarceramento de seus líderes, enfrentaria a morte de Estêvão (At 7:57) e dias terríveis chegariam sobre todos. Era um momento sensível, de incertezas, graves ameaças e muita insegurança.

A oração termina com um pedido a Deus. Poderíamos esperar que o pedido fosse por livramento do sofrimento ou firmeza na fé. Mas surpreendentemente o pedido é outro: “*concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra*” (v.29).

Devemos orar por livramento em meio ao sofrimento, cura em dias de enfermidade e alegria quando a angústia se aproxima. Sim, devemos

fazê-lo com fé e esperança, mas sem nos esquecer de algo essencial: que Deus nos dê coragem para que, em qualquer circunstância ou crise, anunciemos com alegria o Nome acima de todo nome – Jesus Cristo.

Para os que, em meio à dor, não conseguem mais orar, lembrem-se que o Espírito Santo nos ajuda em nossa fraqueza e também intercede por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8:26). Ele conhece a sua dor e ouve as suas lágrimas.

Em meio à crise os apóstolos se puseram a orar. Devemos fazer o mesmo. Ore com confiança e intrepidez. Ore com gratidão e descanso. Ore com amor e compaixão. E creia que Deus ouve as orações. Ele nos surpreenderá! *“Ouve, ó Deus, a minha súplica; atende à minha oração”* (Sl 61:1).

Devocional 6

Aos que não têm morada certa

Estive em contato com etnias peregrinas em dois momentos de minha vida. Visitei brevemente um grupo tuaregue na região desértica do Saara e, de forma mais prolongada, convivi com três famílias Fula no nordeste de Gana. Fiquei impressionado com as características que marcam uma sociedade nômade e destaco três. A primeira é que eles mantêm uma vida material simples, com bens e posses que podem ser facilmente transportados, descartando o supérfluo. A segunda é perceptível quando vi que eles orientam a vida pelos relacionamentos pessoais e não pelo território, mantendo um alto nível de compromisso relacional que subsiste a diferentes cenários. E, por fim, a terceira característica é que as motivações

que os levam à peregrinação passam por diversas vertentes, sendo uma delas a esperança de encontrar algo melhor em outra terra.

O autor aos Hebreus nos fala sobre estrangeiros e peregrinos que viveram na esperança e morreram na fé, buscando uma pátria celestial e, por isso, Deus se manifestou como seu Deus e lhes preparou uma morada (Hb 11:13-15). Um desses peregrinos, Abraão, movido por uma promessa do Senhor, trocou a cidade pelas tendas, o certo pelo desconhecido, a casa de seus pais pela esperança em Deus.

Fé e esperança são valores essenciais para os cristãos peregrinos e conduzem a uma vida paradoxal. Em Cristo, somos chamados a viver como responsáveis cidadãos da terra, mas orientados pela cidadania dos céus, de modo a não

nos apegarmos às coisas desse mundo, alegrando-nos sempre com a criação de Deus.

Como peregrinos, não somos sujeitos à carne, mundo e diabo, mas ainda estamos em luta contra todos eles. Proclamamos o evangelho que nos dá salvação, mas não nos tira do mundo ou do caos. Convidamos as nações a crerem em Deus, mesmo sabendo que, em muitos casos, seremos perseguidos pela nossa fé.

A fé dos peregrinos bíblicos produz resultados na terra. Na Bíblia, percebemos que essas pessoas fizeram ruir as muralhas de Jericó, subjugaram reinos, obtiveram promessas e fecharam bocas de leões (Hb 11: 30-34). Pela fé o impossível pode acontecer, se o Senhor assim desejar.

Há, porém, o outro lado da vivência da fé, pois a epístola aos Hebreus relata que os crentes no Senhor foram torturados, passaram pela prova de

açoites, foram apedrejados, provados, serrados ao meio, mortos ao fio da espada e andaram sem rumo (Hb 11:35-37). Trata-se de uma fé impregnada de esperança, que não apenas deságua em livramentos e feitos no presente, mas também prepara o cristão para enfrentar o vale do sofrimento sem deixar de crer que a casa do Pai o aguarda.

Alegre-se com as maravilhas da criação de Deus nesse mundo, lembrando que elas apontam para a perfeição que há de vir. Chore todas as lágrimas pelos que partem ou sofrem nessa vida, com a doce convicção de que não haverá choro na casa do Pai. Envolve-se com a proclamação do evangelho de forma intensa, sabendo que na eternidade não haverá evangelização, apenas adoração.

Fortaleça a cada dia a sua fé, pois no porvir não precisaremos dela para crer, já que veremos face a face o nosso Senhor. Sofra as dores que lhe são impostas, sem deixar que a ansiedade ou a amargura o cativem. Jesus pagou o preço por todos os nossos pecados e carregou sobre si as nossas dores.

Peregrino, a cada passo fortaleça-se na fé e alimente-se da esperança, vivendo de forma plena os seus dias e lembrando que Ele o aguarda.

Devocional 7

Aos que têm a fé abalada

A igreja de Cristo vive dias de forte antagonismo entre a fé e a dúvida, o amor e a indiferença, a santidade e o pecado, a liberdade e a perseguição. Perante um mundo que nos convida a ver, Deus nos convida a crer. Entender esse convite, abraçá-lo e proclamá-lo, parece ser a nossa missão e o significado de nossas vidas.

Paulo afirma que *“a justiça de Deus se revela no Evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”* (Rm 1:17). Esse verso reproduz a mensagem de Habacuque (Hc 2:4), que faz essa afirmação 600 anos antes de Cristo. No primeiro capítulo do livro de Habacuque, o profeta denuncia o sofrimento do povo de Deus perante o ataque dos caldeus,

narrando a aflição do povo com a violência, destruição, prisão e humilhação. E pergunta: "*Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás? Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão?*" (Hc 1:2-3).

O profeta pede que Deus mude as circunstâncias e anule o sofrimento, porém a resposta de Deus é diferente: o Senhor lhe diz que o povo sofrerá ainda mais e que as dores apenas começaram. Habacuque se desespera e aguarda na torre de vigia. Lança-se à oração (Hc 2:1).

Perante essa crise profundamente desesperadora, ele reconhece algo novo sobre Deus, e diz: "*Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia eu me alegro no Senhor,*

exulto no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é minha fortaleza” (Hc 3:17-19).

O profeta percebe que Deus não perdeu seu poder diante do caos. Deus não deixa de ser Deus quando se cala. Habacuque pede que o Senhor mude as circunstâncias, mas Deus lhe convida a crer que Ele é Deus apesar e além das circunstâncias.

No capítulo 2 Habacuque exclama aquilo que iria levar Paulo, após 600 anos, a fundamentar a carta aos Romanos, e Lutero, após 2.100 anos, a iniciar a Reforma Protestante: *“O justo viverá por fé”* (Hc 2:4). Deus não nos convida a ver, mas a crer. Deus nos convida a ter fé. E, como Paulo afirma: *“a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo”* (Rm 10:17).

Não há nada mais poderoso em nossas ações do que proclamarmos a Palavra do Senhor, na qual cremos. Ela gera fé e transforma o coração mais duro, a nação mais forte, o homem mais ímpio, como transformou a minha e a sua vida. Creia que Ele fará isso ainda com milhões ou bilhões.

Vivemos em um país que carece profundamente de paz, justiça e livramento. Creio que é também missão da igreja clamar ao Senhor para que essas circunstâncias mudem, bem como lutar e participar dessa transformação. Porém, nossa missão vai além do clamor pela mudança do cenário. Ela envolve também proclamar que, mesmo em meio à tragédia, há Deus – e Ele nos convida a crer.

A primeira missão da igreja, portanto, não é a proclamação, mas a fé. Não é viver, mas morrer.

Não é mudar, mas ser transformada. A missão é resultado da fé.

À semelhança de Habacuque, nossa tendência é buscar com maior intensidade o livramento do sofrimento diário. Deus, porém, vê além da linha do horizonte e promove um livramento eterno. Por vezes Ele usa o sofrimento temporário para que tenhamos nossa atenção voltada para sua dependência. Outras vezes os maiores aprendizados não ocorrem nas savanas tranquilas, mas nos desconfortáveis desertos. Não devemos buscar o sofrimento, mas compreender que há um propósito maior que a dor.

“*Ainda que a figueira não floresça...*” nos ensina que todos os planos de Deus, mesmo em meio ao sofrimento e caos, são planos de amor. E que reconhecer isso nos dá como igreja a mais santa e poderosa mensagem: há Deus!

Devocional 8

Aos que saem andando e chorando enquanto semeiam

A Palavra afirma que aqueles que viverem em Cristo serão perseguidos (2 Tm 3:12). Também que alguns sofrerão perseguição por causa da justiça (Mt 5:10) e que isto envolverá não apenas o sofrimento do corpo, mas também a difamação pessoal e moral (Mt 5:11).

Em meio à perseguição somos ensinados a guardar a Palavra de Deus (Jo 15:20) e à medida que a igreja é perseguida, o Senhor a fortalece para permanecer inabalável (Ef. 6:13). Em momentos difíceis, a mesma igreja que sofre é também aquela que se encontra em posição de dar grande testemunho de Cristo!

Em Atos capítulo 8, a igreja primitiva passou por forte perseguição. Ensina a Palavra que o sofrimento era físico, emocional e espiritual. No verso 1 o autor fala que a igreja “*sofria perseguição*”, usando o vocábulo *diogmos* que indica dor física. No verso 2 lemos que a igreja “*pranteava*” a morte de Estêvão, do grego *kopeton* que significa dor na alma – um sofrimento emocional. Por fim, no verso 3 vemos que Paulo “*assolava*” a igreja, onde encontramos o termo *elumaineto*, também usado em João 10:10 para se referir à ação do diabo que veio roubar, matar e destruir, ou seja, um sofrimento espiritual.

Entretanto, em meio a essas perseguições e sofrimento, de alguma forma que não compreendemos, Deus produz valentia e perseverança nos seus filhos e abre largas portas para que Jesus se torne mais e mais conhecido.

O mesmo ocorreu em Atos 8. Em meio a todo o sofrimento – físico, emocional e espiritual – a igreja foi dispersa por toda parte (v. 1); porém, como consequência dessa dispersão, o Evangelho também se difundiu, pois proclamavam a Cristo (v. 4). Vemos que multidões se converteram (v. 6), Deus mostrou sinais e maravilhas (v. 7) e, por fim, houve grande alegria em Samaria com vidas sendo transformadas (v. 8).

Atos 8 é um texto que narra a poderosa intervenção de Deus em ambientes improváveis. Começa no verso primeiro com uma grande perseguição e termina no verso oito com uma grande alegria. Parece que esse modo de operação de Deus continua o mesmo hoje. Em meio a grandes perseguições o Senhor tem produzido também grandes alegrias. Talvez, em virtude disso, quem sai andando e chorando enquanto semeia

volta sempre com alegria trazendo os frutos colhidos, pela graça do Pai.

Durante um seminário em área resistente à pregação do evangelho na Ásia central, procurei uma analogia que pudesse representar as equipes missionárias naquela região. Veio à mente a figura dos barcos usados para quebrar o gelo marítimo do Alasca, os conhecidos *ice-breakers*. São barcos pequenos, com motores potentes e a proa construída de aço com espessura dobrada e afiada, que funciona como um machado que bate e racha a superfície congelada à medida que o barco avança.

Após tais barcos realizarem seu trabalho, chegam os grandes navios turísticos que seguem para conhecer a linda e exótica região. Nesse momento o clima é de festa e deslumbramento, porém quebrar o gelo não foi tarefa fácil nem rápida.

Olhando os *ice-breakers* de longe, tem-se a impressão de que estão parados em meio a enormes blocos de gelo. Observando mais de perto, porém, nota-se que o gelo tem sido quebrado, metro a metro, e os pequenos barcos se movem a frente, vagarosamente, realizando tão pesado trabalho.

Em várias partes do mundo a Igreja de Cristo enfrenta restrição para existir e, às vezes, perseguição por partilhar a fé. Em outras, a pregação do evangelho é restrita, seja por barreiras políticas, linguísticas, culturais, climáticas, religiosas ou sociais. Também em nosso país, cristãos evangélicos frequentemente experimentam pressões e críticas. O trabalho é vagaroso e tem-se a impressão de que nada novo acontecerá.

Devemos, entretanto, lembrar que após o gelo quebrado virão navios com multidões que passarão pelo caminho aberto. Nesse dia haverá deslumbramento e alegria pela bondade do Senhor que em meio ao contexto mais improvável fez algo novo acontecer.

Para vocês que andam e choram enquanto semeiam, continuem a andar, chorar e semear, pois um dia o fruto da semente estará perante o Santo Cordeiro de Deus. Guarde a sua fé enquanto anda e chora. Não perca a alegria, a mansidão, a oração e a paz. E não deixe de semear mesmo no sofrimento, pois há promessa de frutos para os que semeiam na dor. Também não dê ouvidos àqueles que dizem que o Eterno o abandonou, que a semente não frutificará, que o caminho não tem fim. Eles não sabem que o Cordeiro de Deus é também o Leão de Judá.

Devocional 9

Aos que não enxergam além do Jordão

Ao se preparar para seguir adiante, olhe para trás! Veja o quanto Deus foi fiel, guardou a sua vida, alimentou a sua alma e proveu além das suas necessidades. Lembre-se de que Ele jamais falhou, nunca se ausentou ou deixou de amar. E creia que amanhã não será diferente.

A última pregação de Moisés foi possivelmente a mais emblemática, pois tinha como missão orientar o povo a seguir aonde ele não iria – além do Jordão. Seu sermão se encontra nos capítulos 31 e 32 de Deuteronômio e poderia ter como título ‘Exortações da travessia’.

Trata-se de um convite a olhar para trás, pois “*o Senhor lhes fará como fez a Seom e a Ogue, reis dos amorreus, os quais destruiu, bem como a sua terra*” (Dt 31:4). Moisés conclama o povo a um exercício de memória e fé – “*lembra-te dos dias da antiguidade*” (Dt 32:7) – fazendo com que a memória seja inundada com os fatos que expressam o poder, a fidelidade e o amor de Deus. É da natureza de Deus ser fiel!

A terra além do Jordão representava a incerteza e insegurança. Os relatos que chegavam ao povo eram de uma terra frutífera, porém habitada por guerreiros, exércitos e protegida por cidades fortificadas. Perante esse temor, Moisés lhes ensina que “*o Senhor, teu Deus, passará adiante de ti*” (Dt 31:3) e “*... o Senhor é quem vai adiante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desamparará*” (Dt 31:8). A mensagem é clara: Deus está aonde ainda não chegamos. É possível descansar perante o novo que nos desafia, pois Deus já está além do Jordão.

Nesse sermão Moisés não fala apenas de vitória e fidelidade, ele também denuncia o pecado apontando para a rebelião aos mandamentos de Deus (Dt 31:27), os que praticam abominações (Dt 32:16), os que se esquecem da Rocha, que é o Senhor (Dt 32:18) e os que perderam a lealdade a Deus e se tornaram leais ao mundo (Dt 32:20). Exorta o povo a se quebrantar, abandonar o pecado e buscar a santidade. Não deveriam cruzar o Jordão com essas práticas e manchas.

Perante um novo dia abandone o temor. Encha seu coração de fé e esperança, pois o Senhor é a sua força e o seu refúgio. Ao contrário dos surrealistas, o cristão não nega o perigo e o mal. Longe disso, os reconhece plenamente. A Palavra narra de forma clara os perigos da vida cristã associados ao nosso próprio coração, à sociedade humana e ao maligno. As Escrituras evidenciam

que há reais e evidentes motivos de temor. O desafio bíblico, portanto, não é negar os motivos para temer, mas deixar de temer mesmo com reais motivos, pois o Senhor é conosco.

Ao assumir a liderança do povo, Josué – que bem conhecia todos os perigos daquela terra – foi enfaticamente encorajado por Deus à ter coragem: *“... não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares”* (Js 1:9).

Perante um novo dia abandone também o pecado. Identifique em sua vida aquilo que não vale a pena levar. Denuncie em seu próprio coração o que não procede de Deus. Renuncie, em nome de Jesus, o que entristece o Espírito. Cada novo dia é uma nova oportunidade para buscar de forma intensa e intencional a santidade de vida que agrada a Deus. Que nosso alvo seja sermos mais santos hoje do que fomos ontem e que a santidade não seja

apenas um sistemático controle de ações e reações, palavras e comportamento com aparência cristã; mas, sim, uma profunda e transformadora experiência com Cristo, em Cristo e por Cristo, que purifica a alma e nos aproxima do Pai.

Perante um novo dia em sua vida, olhe para trás e lembre-se também da ininterrupta fidelidade de Deus em sua história. Saiba que Ele já foi adiante de você e lhe preparou o caminho. Abandone o temor e o pecado e jamais se esqueça: Deus está além do Jordão.

Devocional 10

Aos que se encontram sem forças

Na conclusão da magnífica carta de Paulo aos efésios, ele ensina que devemos nos “*fortalecer no Senhor e na força do seu poder*” (6:10) e apresenta três razões urgentes para isto.

Primeiramente para não cairmos na “*cilada do diabo*” (v.11), o que nos leva a refletir que as armadilhas são muitas e estão ao nosso redor (1Pe 5.8). De fato, o apóstolo destaca esse perigo, pois escreve o verso 12 explicando que a nossa luta não é contra carne e sangue, mas “*principados e potestades*”. Via de regra, o inimigo das nossas almas nos ataca nas áreas mais enfraquecidas em nossas vidas. Assim, uma pergunta deve ser levantada: qual é a área fraca da sua vida que precisa, urgente

e intensamente, ser fortalecida no Senhor e na força do seu poder?

Em segundo lugar, devemos nos fortalecer no Senhor para resistirmos “*no dia mau*” (v.13), evidenciando que nossos dias são inconstantes e que é crucial resistir para, ao fim, permanecer com a fé inabalável. Parece-me que a dinâmica do texto nos apresenta um movimento: nos fortalecermos no dia bom para conseguirmos resistir quando o dia mau chegar.

Por fim, ele pede oração para que tenha intrepidez na pregação do evangelho de Cristo (v.19), fazendo uma interessante ligação entre a oração e a missão. Mostra que não somos naturalmente audaciosos e intrépidos. Se o próprio Paulo pediu oração por coragem para a evangelização, nós também precisamos fazê-lo. Tal coragem é resultado direto da graça de Deus, motivo pelo

qual precisamos orar e pedir. Uma vida tímida na oração é uma vida tímida na proclamação do evangelho.

O destaque de Paulo, além de apresentar os motivos para nos fortalecermos em Deus, é indicar como fazê-lo. Na teologia bíblica, se conciliarmos as cartas paulinas, encontraremos sete práticas cristãs que alimentam a nossa fé: Palavra, adoração, comunhão, oração, santidade, boas obras e evangelização. Essa é a trilha da espiritualidade onde somos fortalecidos no Senhor para permanecer, mesmo passando pelo sofrimento, com a fé inabalável.

Leia e medite na Palavra de Deus. É ela que alimenta a sua fé e mostra o caminho. Encha seus dias com frequente adoração, o reconhecimento de quem Deus é e o que Ele faz. Faça isto de forma privada e individual no seu quarto, e, também, pública e coletiva com sua igreja local. Abraça a comunhão, caminhando com aqueles que amam e

seguem o Senhor Jesus. Cultive a vida de oração – diálogo com o Pai em nome do filho Jesus. Busque de forma intensa e intencional uma vida santa que agrada o coração de Deus. Chore com os que choram, abrace e socorra o aflito e necessitado. E evangelize, com suas palavras e vida, proclamando sobre o único redentor daquele que crê – Jesus. Portanto, encha seus dias com a Palavra, adoração, comunhão, oração, santidade, boas obras e evangelização. Você será fortalecido no Senhor!

Identifique as áreas fracas da sua vida, sejam padrões de pensamentos, vícios secretos, motivações duvidosas ou orgulho camuflado. Depois desse autoexame, busque em Cristo um sincero quebrantamento que leve a um verdadeiro arrependimento.

Livre-se urgentemente das suas fraquezas crônicas, pois são nessas lacunas que você será

frontalmente atacado pelo inimigo. E não caminhe sozinho! Busque um companheiro de oração, de caminhada, de coração. A comunhão entre os santos é o ambiente que permite que o bálsamo seja derramado sobre a ferida.

Ronaldo Lidório é pastor presbiteriano, teólogo e antropólogo. Serve como missionário (APMT / WEC) entre povos pouco ou não evangelizados. Casado com Rossana, é pai de dois filhos: Vivianne e Ronaldo Junior.

www.ronaldo.lidorio.com.br

www.GodChurchMission.com